

JOSÉ MARIA ALVES

GARATUJAS PARA NADA

JOSÉ MARIA ALVES

www.homeoesp.org

www.josemariaalves.blogspot.com

PENSAR OU NÃO PENSAR EIS A QUESTÃO

Já pensei quase tudo o que há para pensar
Parece-me
Apesar do que parece
Nem sempre
Ser o que parece

Poderei ou não estar errado
Como tudo
Numa vida inconsistente
Na impermanência dos dias consumidos
Como quem consome sem saborear um cigarro
De fumo invisível
Ou viaja junto ao mar encapelado e apenas espreita a
estrada suja de asfalto

Afinal o pensamento não é ilimitado
E a imaginação é o erro do desesperado

Pensei o já pensado
Em caminho poeirento
Por muitos trilhado
Em jornada com rasto de sangue vivo

O pensamento é dor acutilante pressiva
É a enxovia torturante da inocência
Da candidez e da castidade

Pensei o que muitos outros pensaram
Mas ninguém sabe que o pensaram
Por terem guardado esses pensamentos numa gaveta sem
fundo
Na torre subterrânea dos desejos inconscientes
Nas masmorras abissais das entranhas sórdidas
No espaço insignificante de seus bolsos rotos

Pensei e penso que não vale a pena escrever
Que não me irão ler
Que não irão ter paciência
Livros há-os em demasia
Como riqueza e pobreza

Neste mundo tudo é demais
Por excesso ou insuficiência

No entanto
A questão de Deus
O Deus verdadeiro que não o dos homens
Continua a ser a minha questão central
Quando eu
Eu mesmo
Deveria ser por ora o objecto de minhas inquietações

Quem sou
Donde venho
Para onde vou

Se sou ou não
Se vim ou não vim
Se vou ou não vou

Se Ele é
Se eu sou Ele
Ou Ele sou eu

Se existimos
Ou não existimos

Por ludibriados sermos

Se tudo é ilusão
O sonho realidade
A realidade sonho e

No desvario do engano
Se embromado estou
Porque padeço atroz

E porque algo permanece
Em vez do nada
Do vazio pacificador

E se nada existisse que voz se levantaria a questionar que
corpo ou mente sentiria dor

Também a questão da alma
Merece especulação
E se quem conhece a Alma
Conhece Deus
Fico-me com um único mistério
O da Alma-Deus ou o de Deus-Alma

Tanto faz
Se o que penso só serve
Para alimentar a confusão
E o que escrevo
Não passa de incoerência
Ou de pura ilusão
De quem pensa ser e não é

Melhor seria
Exterminar o desassossego

Melhor seria não pensar

DEUS NÃO SABE LER E A ALMA NÃO ESPECULA

Desejo com ardência escrever um Manifesto para a
humanidade

Um Manifesto para a Eternidade

Num Manifesto escreve-se
Escreve-se para que poucos leiam e
Poucos sintam enquanto
Nenhuns praticam
Redige-se nas areias límpidas da beira-mar
Em tempo de marés vivas

Nem na gandaia um sem-abrigo olhará as suas letras a
formar palavras indecifráveis
Nem um letrado filósofo da beira-mar se dignará prestar-
lhe atenção
Nem os cães que passeiam seus donos junto à rebentação
das magníficas ondas irão sentir seu odor ilusório

Um Manifesto escritura-se
De preferência num papel velho
Digno
Com cheiro a catedral
E fisionomia de monumento nacional
Protegido por leis obsoletas
Saudosamente anacrónico
Um Manifesto é sempre extemporâneo
Como navio calafetado no fundo dos mares
Ou vela acesa num qualquer meio-dia de Primavera

Tem-se esperança num Manifesto
Como mãe que aguarda o nascimento de um filho
Ou a sua chegada da guerra

Um manifesto é um nado-morto
Um corpo num ataúde
Numa urna de chumbo
Carregado além-mar
Crivado de fragmentos
E marcas de dor oculta
Sangrada por estilhaços de vida sem significado

Apenas conheço três palavras
Que podem mudar o mundo
Apenas três palavras cheias e não ocas
Porque as ocas são apenas palavras
E as palavras não são as coisas
Nem sentimentos nem emoções
As ocas são o reflexo da humanidade
No espelho poeirento sujo e deformado
Do cérebro do tempo

Apenas conheço três palavras
Capazes de abranger o Universo
AMOR LIBERDADE BELEZA

Se algum dia as atingir em sua verdadeira essência já não
mais serei eu
Serei Um-Com-Deus
E quando for Um-Com-Deus não perderei tempo a
escrever

Deus não sabe ler
E a Alma não especula

PORTUGAL É UMA COLÓNIA BRASILEIRA

O dia está acinzentado
Sem estar abafado

No quiosque junto ao meu prédio uma velha entediada
queixa-se do Verão
Terei de passar as férias nesta solidão
Respondo sem pensar
Isso não é Verão e sigo o meu caminho na direcção de
uma bola de Berlim e de um café curto

Noto que os seus olhos me seguem sem saber porquê
Seguem os meus passos e sua sombra
Julgo que pensa
Boa vida tão novo e sem nada para fazer
Ou lê ou finge ler com o livro debaixo do braço
Quem lhe dera uma reforma para passar os dias a fazer
ponto de cruz e arraiolos exercitando a morte

Na esplanada há uma espécie de tristeza amargurada
Uma morte viva melancólica estúpida fastidiosa e triste
A tristeza do tédio opaco de vagos pensamentos sem
rumo ou destino
De pequeno veleiro engolfado nas águas letais da barra

Penso e pergunto-me porque existo
Reparando como quem não repara
Na existência de duas lésbicas na mesa ao lado e de um
homem sem cabeça com um jornal desportivo a servir de
pára-sol na mais afastada

Há sempre alguém com um jornal desportivo a servir de
cabeça

Há sempre alguém que discute a asnática política
desportiva

Há sempre alguém que vive como bola de borracha
pontapeada por mancos acanhados

O homem levanta-se e eu sinto-me serenar como quem
está para urinar há horas e não encontra lugar

Sinto-me aliviado

Tenho agora espaço

Preciso de espaço para me questionar se o meu Verão não
será um quiosque com horas certas de abertura e
encerramento fumado por um Marlboro

Ou um jardim em que as rosas florescem no Inverno e a
geada queima os crisântemos no Estio ardente

Uma das lésbicas assoa-se limpando-se do passado

Passa lentamente com os dedos pelas narinas removendo
pequenos filamentos de incompreensíveis sentimentos de
culpa

A outra está imóvel sorvendo o fumo de longo e fino
cigarro olhos postos nos automóveis de luxo que passam
na praça

Parece procurar presa

É o macho julgo

Mas que tenho eu de julgar

Apenas factos

Quedemo-nos pelos factos

Os seus olhos penetram fixamente os mesmos objectos
em que os meus se demoram

Mulheres

Mulheres belas e elegantes

Somos ambos predadores

Indiferentes um ao outro

Apesar de ambos sermos lésbicas

Jovens-mulheres desfilam seminuas mirando-se nos
vidros das lojas que servem de espelho

A maioria brasileiras

Compenetradas no seu encanto

Algumas andam dançando e pelo canto do olho admiram o
seu jeito peculiar de andar
O seu modo especial provocante de bamboleio
Pernas altas baixas médias magras gordas redondas
Pernas para todos os sabores
Pernas para todos os odores
Eu olho-as a lésbica também

O Verão seria diferente se me apaixonasse
As lésbicas casar-se-iam
Eu igualmente
Sem boda Odeio festas
As lésbicas levantam-se ainda não almoçaram
Levanto-me e mudo de mesa
Volto a sentar-me

Lá dentro uma jovem almoça com roupa de ginásio e saco
de desporto caído ao lado
Pequena
Magra
Graciosa
De olhos penetrantes
Distantes
Não mostra interesse em nada que a rodeia
Pede o serviço ao atencioso empregado brasileiro sem se
dignar olhá-lo
Olho-a mansamente entre o espaço de duas colunas
irregulares de fumo
Lembra-me uma namorada antiga na sua frágil beleza
A mesma de uma flor exposta ao rigor do tempo ou de
uma erva da calçada com displicência acalcanhada

Sentam-se duas brasileiras
Uma talvez não seja
Quase que a não ouço falar
A outra fala sem cessar
Menopausa precoce
Mesmo querendo não a ouvir

Sou cativo da voz
Penetrante
Irritante

As brasileiras invadiram-nos estão em todo o lado
Portugal é uma colónia brasileira
Para gosto de uns e desgosto doutras

Projecto viver no Brasil partir para a Terra-Mãe Já escolhi
Itacaré ou uma praia deserta no Norte onde possa erguer
velas ao vento e bolinar largo junto à costa de sereias
intocadas de ventres cor de bronze e seios hirtos
apontando o horizonte

Navegar no Amazonas sorver o odor da selva escutar o
louco canto das aves brilhantes com uma amada a bordo
estirada nua no convés a meio-navio envolta no cordame
de seda

Uma nativa escura e bela que ame por amar inebriada ao
sol e afagos a quem possa agasalhar no meu peito nas
noites húmidas e fartas de estrelas cadentes enquanto o
leme solitário manobra em faina segura levando-nos de
mansinho com a proa a cortar águas para Terra-de-
Ninguém

Sonho mas que mal faz sonhar senão o mal do próprio
sonho

Uma mãe entra com a filha ao colo

Qual delas a mais bela

Aprecio-a sem a desejar

É de uma beleza intocável

Pura

Maternal

Deixai-a estar enlevada

Deixai-a repousar nas carícias embevecidas que com o
olhar dispensa à criança

É mãe o que lhe basta

A brasileira papagueia enquanto a amiga de óculos
escuros para não ouvir simula que presta atenção

Gesticula ri alto meneia-se

Faz reiki pratica yoga assevera que encontrou a paz

Tem sensações no corpo nalguns órgãos como se
estivessem a ser miraculosamente limpos durante as
sessões

Agora tem as energias equilibradas e bolsos mais
asseados

Mas age como quem em emboscada fatal de guerrilha
está debaixo de fogo cerrado

As mãos tremem-lhe e há um ou dois pequenos tiques
evidentes que a traem

Temos de viver o dia-a-dia amar a vida os outros e ter
forças

Diz

E ter energia a que vem de nós das nossas acções e a que
nos canalizam

Deve estar a referir-se ao terapeuta-canalizador penso

Ela que eléctrica vertiginosa tem uma tomada mal ligada
à terra e um fusível inoperante ao excesso de tensões

E julga ser um braço-de-deus

Deus deve ser uma centopeia penso e sorrio disfarçando o
sorriso na página do livro aberto

Alguém uma amiga da Baía deitou-lhe as cartas

Apenas certezas

No passado não errou

No presente acertou

No futuro vaticinado abstractamente

Tudo cursará o melhor leito

Será rica feliz amada e finir-se-á bem tarde

A boba encartada

Convida a amiga para jogar golfe com a equipagem do
falecido

Será viúva divorciada ou mal-amada

Instiga-a a aprender

O problema diz está no taco as bolas são todas iguais

O mais importante do equipamento são os sapatos

Preciso de descansar os ouvidos
Volto para casa
E no silêncio da solidão não penso nada

LOUVA-A-DEUS

Um Louva-a-deus
No meu terraço virado para o Tejo um Louva-a-deus
Há anos que os não vejo na cidade
Se é que alguma vez os vi pelo burgo

Duvido mas não me detenho na dúvida
Olho-o com carinho Como é delicado
Frágil afável gentil

Ó Louva-a-deus
Se o meu louvor
Fosse como o teu

Fica e vive comigo
Fica e acompanha-me nesta jornada

Não me deixes só

Adeus Adeus

MISANTROPO SELECTIVO

Deito-me e adormeço por uma hora

Levanto-me com a mesma sensação de que já pensei tudo
o que há para pensar
Não me apetece almoçar
E o cérebro está quieto mas ágil
Na dormência da mente devoluta

Sensação de plenitude e de vazio
Plenitude por ter pensado tudo o que um simples mortal
pode ou julga poder pensar
Vazio por não ter atingido objectivo nenhum
É esse o problema do humano
Um cheio-vazio-interminável

Quero partir para o Norte
Estou sempre a querer partir como as aves migratórias
E depois de chegar sei lá onde
A querer voltar
Ao Sul
O Sul tem cor
Tem mulheres quase nuas nos extensos areais
Tem um sorriso aberto como o Cruzeiro do Sul
Tem calor
E tem também uma espécie de amor que o frio gélido da
montanha ao borralho desconhece

Quero partir mas não quero

Apetece-me ficar ronronando como um felino indomesticado
Aguardando fêmea no covil
No meio de livros já lidos de doutrinas mil vezes debatidas
De verdades obsoletas a estrebuchar no fundo poeirento das gavetas-da-exactidão
Viajar sem me movimentar pelo céu escuro das sombras nocturnas
Viajar à velocidade da luz por galáxias nunca dantes viajadas

De qualquer modo
Tenho de voltar a pensar o já pensado
Não descansarei enquanto o não fizer
E não vou repousar depois de o ter feito
A menos que exorcize o cérebro dos seus fantasmas
Que destrua os espectros da mente
E os enterre na ala poente da necrópole ornada a cedros

No café envolto pelo fumo abstracto de um cigarro
O mais agradável do dia por ser o primeiro
Ouço preso-forçado a televisão
O tema é futebol
O tema actual é sempre futebol
Quem não sabe futebol é iletrado
Há anos que não se fala de outra coisa como se o Universo fosse um gigantesco estádio onde os deuses consagram a eternidade dando pontapés em planetas e cometas num espaço-tempo de infinitas balizas sem rede

O circo continua continua
O povo aplaude animais domados em jaula invertida
Os artistas falam um português-estrangeiro-imigrante convencidos da sua celebridade
Reconhecida por uma comunicação social burlesca
São ídolos de gente mascarada de felicidade eles que descrevem com os pés e mais raramente com a cabeça oca um país desgraçado e inábil
Tão mal representado por bandos de sendeiros que pastam nos relvados

Os artistas são os melhores aliados das ineptas
sanguessugas-políticas
São gigantes-pés-de-barro-grosseiro a escoar náusea
Argumento de medidas impopulares

Fala-se das suas vidas como se tivessem algo de
exemplar para nos transmitir e capitanear
São ídolos da decrepitude e da degenerescência

Odeio a comunicação social que os ceva e ao povo cega

E o Manifesto
Sou um Misanthropo selectivo
Quem sabe mais tarde

RECORDAÇÃO

Na curva da estrada
Apesar do cansaço
Algo me impele a estancar

Há sombras vivas
Que repousam no asfalto
Árvores retorcidas
Que já deram o seu fruto
Vinhedos esquecidos

O Sol brilha através dos ramos dos pinheiros bravos
Um lavrador come a merenda à sombra de uma fraga
A mulher prepara estacas
O semeador descansa e bebe
O vinho com a frescura da água da mina
Ao seu lado
Pão de centeio
Queijo
Um naco de presunto velho

Sorri
O seu sorriso arrasta-me pela memória dos tempos
O seu sorriso é rosa-do-mundo
Vejo-me nos calções azuis cor de céu e na alva branca de
domingo
Há missa
Os sinos tocam
Casimiro Casmiro Casmirito Mirito Miro
O meu amigo-louco

Da infância perdida
Miro
O Louco
Do sorriso infinito
Aberto
Livre
Ingénuo
Contagiante
Que ia à igreja só para me ver ler

Sinto saudades
Não sei se da vida
Se da morte
Se do mal
Se do bem
Sinto saudades
E sentir saudades
É ter feridas
Sangrantes
Mas sempre é melhor
Ter saudades
Que não ter nada

Sento-me no muro em pedra circular
Vejo um vulto no chão
Eu que desde criança vejo coisas
Coisas que não devia ver

Foi aqui que Miro veio morrer

Estou cansado de tanta morte

MIRITO O LOUCO

Mirito nasceu
Nasceu num palheiro
Como Jesus

Paredes de pedra rude
Amontoada
Pedra não aparelhada

Telhado de colmo
Donde se espreitavam as estrelas e sentia a chuva fria
Entrada em dia de borrasca

Na torre da igreja o sino tocava tocava
Mirito nasceu de rosto belo e já trigueiro
Ao som da Avé-Maria

Que Deus o abençoe disse a mãe
Que a Senhora da Fátima seja sua madrinha e lhe faça a
cruz na testa para afastar demónios e tentações
Disse a parteira da aldeia Tia Zefa do Moinho
A Zefa da Anunciação

A vizinha Madalena rezou um Padre-nosso
E uma oração calada para ninguém ouvir a não ser Nosso
Senhor

Não te esqueças mulher de acender uma vela na Santa
Eufêmia
Uma vela do tamanho do rapaz

Tanto faz
Respondeu a parturiente
A vela terá o tamanho da minha bolsa
O que vale é a intenção
E olha que a tua oração não irá cair em cesto roto

Mirito nasceu
Mirito cresceu

Nasceu numa noite de luar
De sombras a afagar a pobreza
E com o sino a tocar a tocar
Prenúncio de tristeza
Anúncio de morte a bailar a bailar

Na escuridão a luz
No altar a cruz
Que Mirito haveria de carregar
Correia a enlaçar
De aldeia em aldeia
Cantando e dançando melodias desconhecidas
Até que um tal ou qualquer Arimateia
O levasse a sepultar em cova funda e anónima
Depois de o encontrar caído na curva da estrada poeirenta
e resplandecente de luar

Encontrá-lo-ia
Agonizante sem remédio nem cura
Sem glória
Com a Senhora Morte ao lado

Diria se pudesse
Estou certo Miro diria
Leva-me para o Norte que o calor não suporto
Leva-me para o Norte onde é doce a Morte
Doce e alva de neve pura
Onde perco a memória
De vida malfadada

Continuaria

Eu sou o Miritto leve gentil louco e sem dono
Eu sou o próprio Norte
A Liberdade
A tristeza
E a Força da Natureza
Eu sou tudo o que o homem não é e despreza
Não sou como os demais

Sou Miritto
Servo da terra
Dos céus
Das estrelas
De bonanças e temporais e
Quero ser enterrado em cova funda onde os animais e
principalmente os homens não me possam
Nem encontrar
Nem incomodar
Que ressuscitar não quero

Miritto cresceu descalço
Roto
Esfarrapado
Com um sobretudo de alto a baixo rasgado

Sobretudo do Inverno
Sobretudo do Verão
Sobretudo da chacota da garotada da freguesia
Crueldade de rapaziada
Para com o pobre desgraçado que andava andava e se
sóbrio se escondia
Em qualquer pinheiral

Miritto não foi à escola
Não aprendeu a ler
A somar
Nem seu nome aprendeu a escrever

Mirito não aprendeu a brincar

Não foi à escola e de nada lhe serviria
Contava até dois e depois
Qualquer número servia
Oito cinco dez quatro
Raramente mencionava o três
Letras não as conhecia
Nem o a e i o u

Falava entaramelado
Mas asneiras falava
Escorreito quando o arremedavam
Essas eram poucos os que as não entendiam
Mas na escola não se ensinavam apenas se aprendiam e
quem as já conhecia
Afinal que proveito tirava de horas mortas a inquietar
outros garotos

Nunca aprenderia a ler
A contar
Ou escrever
E mesmo que algo aprendesse
Seria necessário querer

Por injustiça assim nasceu
Vagueando ora soturno
Ora alegre feito bobo
Percorrendo
Aldeias
Povos
Quintas
Sendo escorraço de quintaneiros
Pouco falando
Por não querer
Ou não saber que dizer

Mirito cresceu com o vinho e com aquela cabeça tonta que
desagrada aos homens e agrada a Deus

Um copo aqui outro além
Por alma de quem lá tem
Vá lá um copo não faz mal é Mirito quem diz
Vá lá por um momento faz Mirito feliz

Vai-te embora rapaz
O vinho ataca-te a moleirinha
Ficas mais estouvado do que és
Bebe um sumo
Um pirolito
Uma gasosa e
Dou-te um quarto de trigo com manteiga da arca

Daí o enganava o taberneiro intentando besuntar o pão
com margarina da lata suja ou com molho velho das iscas
a saber a ranço

Quero vinho o resto come-o tu
E Mirito crescia enquanto o sobretudo encolhia

Os rapazes vinham dos campos
Alguns tocados à paulada da lavra por acabar

Jogavam à bola no terreiro

Mirito passava seguia sem saber para onde
Olhando saudosamente para trás
Saudades sem saber de quê
Saudades porquê

Os rapazes brincavam com as raparigas
Dizendo-lhe coisas de que todos se riam
Mirito sorria por ver rir mas não percebia

Diziam-lhe
Cresce tonto depois se verá

Alguns namoravam um beijo às escondidas

Mirito sentia e sem saber como se fazia ficava triste
Uma tristeza natural acompanhada da ligeira brisa do
pinhal ao lado do cemitério
Onde ensaiava com jeitos e trejeitos os beijos da moçada

Imaginava uma bela moça
Como vira num jornal da Venda
E que lhe valera um pontapé no traseiro
Por olhar coisas de gente normal

Até a formiga-tonta já tem catarro disseram

Mas a bela loira de cabelos longos
Não lhe saía da cabeça
Afinal só olhara para uma fotografia suja de vinho
amarrotada de um jornal que parecia tão antigo como ele
Ele que dava tudo para ter aquela fotografia
Como seria feliz namorando-a com os olhos todas as noites
no seu leito de palha
Seria abençoado se a pudesse beijar ainda que papel

Essa loira de quem se via um pedacinho dos seios estava-
lhe na memória
Enchia-lhe a mente inocente
Não sabia o que fazer
Talvez mexer de mansinho na carne luzidia
Talvez um beijo na face rosada
Ou na boca de dentes brancos

O restante desconhecia
Apenas sabia o que nas partes baixas sentia e por instinto
tão bem lhe sabia

Melhor lhe agradaria de outra maneira
Dizia-se em segredo na Venda ao domingo
Que por ter bom ouvido ouvia e ninguém lhe dizia
Ela havia de o ensinar
Quem sabe se hoje à noitinha
E por acaso
Aparecesse na curva deserta da estrada

E sonhava sonhava o pobre louco
Que nem à escola fora
A bola jogara
Na ribeira pescara
Nem nunca amara

E Miritito crescia enquanto o sobretudo encolhia

Pobre Miro pobre louco
Coitadito

A sua cabeça já rodopiava como carrossel
Da feira de S. Bartolomeu

E via
Via coisas estranhas que o assustavam por momentos e
rapidamente esquecia
Coisas do diabo
Coisas assanhadas
Arrepiadas
Que o possuíam e arrastavam pelos caminhos tortuosos
Na direcção de uma malga de vinho

Ó meu Miritito sofres tu e sofro eu

À noite
No palheiro
Via demónios
Uns sentados
Outros dependurados nas vigas de madeira velha e
empenada

Das frechas do granito amontoado
Soltavam-se espectros luminosos em riso rugido

Demónios

Diabos
Fantasmas
Aparições
Diziam em voz rouca
Em gemido tremelicante
Miro tu és doido varrido
Bêbado
Vai-te vai-te
Vai-te não durmas
Não te deixaremos dormir
Vê vê
Vê a mulher loira de longos cabelos entrançados
É feiticeira
A mais bela de todas
De todas as aldeias que conheces
Vai-te enfeitiçar
Vai-te encantar
Serás um sapo e os rapazes irão pôr-te a fumar a fumar a
fumar
Até rebentar

Foge Mirito
Foge
Foge para as sombras da noite
Deixa-os na tua corte
Que fiquem com o curral
Que nem teu é

Que durmam na tua palha
Nos panos velhos cor de carreiro poeirento

Carago filhos de uma grande cabra
Que me não larga
Raios os partisse
Almas de trinta diabos
Tanto bento
Tanta bruxa
Tanto filho do demo
Tudo para me causar tormento

E Miritito noite dentro
Quilómetro a quilómetro
Ia da Mata ao Sobral
Do Sobral ao ribeiro
Do ribeiro à Aldeia-Nova
Sem demora e tento
Até raiar o primeiro raio de sol
Até ao Sol nascente

Quando o Sol nascia o canto dos pássaros abafava o
vozeiro dos diabos com figura de gente

Catano uma coisa assim calai-vos deixai-me não vos
quero ouvir almas do demónio

Miro desesperava
Miro gritava
Carago inde-vos

A venda abria e Miro à porta da taverna
Olhava mudo o taberneiro estremunhado
Que já sabia ao que vinha
Que já lhe conhecia o vício

Um copo por Deus para matar os demónios
Um copo por Nossa-Senhora
Um copo para suster a agitação
Cinco tostões para matar a sede
Tostão a tostão para matar o Demo

Pelas alminhas que com Jesus lá tem
Pelas que no velório aguardam o Purgatório
Com Barrabás e o outro ladrão

Vai-te daqui agoirento
Vai-te vai-te
Que a Satanás encarniçado
Nem vinho nem pão
Pede-o a Judas que é teu irmão

Um copo pelo seu descanso
Por alminha de sua mãe

Pela mãe pela mãe agora sim tocara-lhe no coração
Toma alma-do-diabo
Bebe

Mirito bebia um dois ou três e ia sem direcção sem
destino sem querer

Pobre Mirito pobre louco sem-tostão
Miro pobre-louco a quem as bruxas não deixavam nem
adormecer

Em pequeno passava à minha porta
Ele já homem
Eu rapazito

Tomava da gaveta alguns tostões
Tia Cândida via e fingia não ver
Fazia a vontade ao filho-sobrinho
Que queria ser padre
E tanto amava
Pobres
Loucos
Velhos
Doentes
Animais

ZéIa que vais fazer perguntava
Nada de mais
Vou ver o Mirito que me chama do caminho e logo
interrompia as orações ou fechava o Livro de Horas

Dois três copos de vinho

Mirito cantava agradecido sabendo que aquela porta lhe
estava sempre aberta

Enquanto eu ingénuo o olhava embasbacado na sua dança
estrada fora braços abertos a rodopiar voz rouca a
soletrar língua estrangeira

Adeus Mirito
Amanhã passa por aí
Eu peço à Tia
E Mirito sorria
E eu não sabia que sua alegria
E minha felicidade
Nada valia ao agravar a doença de que padecia

Adeus Mirito
Pobre louco
Até amanhã
Até outro dia
À falta de capão
Cebola e pão
À falta de um tostão
Volta volta que te darei
Do vinho da Tia
Palavra
Tiro-o da adega
Às escondidas
Ninguém vai ver
Ninguém vai saber

O sino toca para a missa
Ou é para o terço
Já não estou certo

Eu cresço

Mirito mais velho
O sino tange uma morte

Eu estou no Sul
Mirito no Norte

O sino toca a rebate

Arde a encosta Poente do vale

O incêndio belo ameaçador
Já lavra no monte

Eu estudo para doutor
Mirito cada vez mais doente

O sino toca a Avé-Maria
Eu já não rezo

Mirito o Tonto não dança
Eu já não vou à igreja

Mirito com dificuldade anda
O sino toca toca sem cessar
E aquele pobre diabo está-me na alma
Na saudade que o vento frio da Serra traz
Para as paredes negras da cidade

Saudade que rói e dói

Mirito pobre louco
Eu também sofro

Noite de Inverno
Temporal
Miro já não tem as mesmas forças
Nessa altura eu vivo num jardim de betão com uma nesga
de céu acorrentado à liberdade
Miro está cansado eu tenho depressão
O sobretudo cada vez mais rasgado deixa passar frio
chuva neve à roupa mais interior do esfarrapado
O vento bramia
Vergava ramos de velhas árvores
Retorcia as novas há pouco plantadas
O vento gemia
Nas sombras dos olivais

Nos espectros das nuvens baixas
Fazendo rodopiar as folhas caídas

Uma chuva fina e fria
Que se entranhava na miséria
Molhava-lhe a alma

Miro continuava
Miro caminhava
Tinham-lhe dito
Não te metas ao caminho
Miro não os ouvia
Vou para a Mata
Vou dormir

Caminhava contra o vento
Que rodopiava

Começou a nevar

Já não havia demónios diabos
Almas de outro mundo
Eram anjos alvos a bailar ao som do vento
Sinos a tocar Avé-Marias
Anjos que sorriam e o afagavam num leve arremesso

A neve caía caía em desconhecida melodia
Melodia que nenhum Bach comporia
E vestia-o de branco puro

Miro parecia uma pomba no escuro
Um dominicano em êxtase de alegria

Miro pobre louco sorria e ria
Dançando ao vento e à neve
Com anjos e querubins de verdade
E Jesus menino que assistia enternecido a ver
Tanto Amor e Liberdade

Chegado à curva dos sonhos
Da loira encantada

Miro cansado
Deixa-se tombar no valado
Exausto a dormir
A sonhar a sonhar com o Amor
Que sempre lhe fora negado

Os anjos entenderam
Jesus concordou
Melhor seria fazê-lo ascender
Mirito faria o Céu feliz
Haveria festa e alegria
Uma imensa Felicidade
Bondade e Inocência
De homem que sempre fora petiz

Avé-Maria
Avé-Maria

Miro pobre louco meu bom amigo

Casmirito morreu no Inverno
Mirito subiu ao Céu entre anjos e arcanjos
Miro abandonou o inferno

MANIFESTO PARA A ETERNIDADE

Manifesto

Um manifesto é uma declaração pública
Como quem traz um caracol na lapela
Ou faz mestrado de palavras cruzadas

Um manifesto é um programa de ideias
Como as que se apregoam nas feiras
Entre mantas camisoladas e pijamas

Um manifesto é um novo estilo de pintura
Aplicado nas fachadas das igrejas e monumentos
Por padres e políticos

Um manifesto é uma treta
É um papel sujo de jornal
Que ninguém quer ler

Por isso neste mundo esquálido
Prefere-se sofrer
Tem-se agrado no sofrimento e
AMOR LIBERDADE BELEZA
São para esquecer

CAIS DO SODRÉ

Tarde fria de Inverno
Ramon termina o trabalho
Na garagem Conde Barão

Como há algum tempo
Encontramo-nos vestidos a rigor
A Norton 500
Uma preciosidade
Não permite desalinho
Nem desdém

Julgo que por essa altura
Teria dezassete anos
Com mestres de envergadura

Cais do Sodré
Filadélfia Texas Copenhaga Jamaica
Mais tarde o Atlântico
Famigerados bares
Não havia marinheiro que jejuasse
Não havia náufrago em terra
Que após viagens de longo curso sobre mares de prata
Não tenha sonhado com noites loucas
De orgasmos suados

De sabor a sal e
Com um quarto de pensão rasca
Num sobe-e-desce
No corre-corre de uma nota
Trocada por minutos de prazer

Maiores de 21
Lê-se à entrada
Eu entro sempre
Sou amigo de gerentes
Empregados
Porteiros
Dos clientes
Bartolini
Russo e
Outros de estranhos apelidos
Principalmente do Ramon
Emblemático
Com idade para ser meu pai
Porte de cedro do Líbano
Parecença de artista de animatógrafo
Dos anos sessenta

Para as prostitutas eu era o puto
Para os amigos e proxenetas também
Os porteiros olhavam para o lado
E diziam umas vezes sorrindo outras entediados
Entra
A tua já anda por aí com um Cãmone
Ou
Tens princesa nova para cantar
Chegou da província
É virgem dos ouvidos
Sarcasmo duma vida em pé
A ver entrar e sair
Subir e descer
Corpos anónimos

Porteiros tapetes-de-putas

Homens sem rosto
Sem história própria
Por tanto viverem as dos outros
Pernas habituadas ao cansaço e à dor
À chuva ao frio ao calor

Do Cais do Sodré
Já não se partia para a Índia
De caravela
Construída na Ribeira das Naus

Do Cais do Sodré
Saíam e saem cacilheiros
Para Cacilhas
Autocarros para toda a cidade
Eléctricos amarelos
Comboios para Cascais
Agora até o metropolitano
Que um dia vai inundar
Palavra de quem sabe

No Cais do Sodré entrava-se
Com uma pita
Num quarto a cheirar a mofo
E saía-se mais leve
Com sono e sem guita

Havia gente que corria
Que se atropelava
Para não perder o barco
Não perder o comboio
Gente exausta
Sem identidade
Autómatos do progresso
Que se empurravam
Por um lugar sentado
No eléctrico
Que subia a Rua do Alecrim

Para o Camões

Bastava um tanso começar a correr
Que tudo o seguia
Rebanho de bacocos
Corriam para não perder a hora
Uns atrás dos outros na esteira do guia
Lanterna-vermelha atrás
A manquejar o coxinho
Já sem ver o condutor
Mas corria saltinho atrás de pulinho

Por vezes um de nós tirado à sorte
Fazia o papel de batedor para diversão do ócio
Do descanso da praça
Correndo sem parar para a estação

Um dia fim de tarde
Um pipi-de-Alcântara estatelou-se
A fronha ensanguentada
Rimos
Enquanto se preocupava com os rasgões
Das calças
E dos cotovelos da jaqueta
Comprada na Rua da Palma
Ou palmada no Estoril
A fronha que se quilhasse
Tinha compostura
A roupa não

Na rua do Arsenal
Bacalhau às postas
Grosso miúdo médio
Inteiro
O cheiro a bacalhau seco
Caras de bacalhau
Cheiro forte
Intenso
Perfumado de séculos

Vendedores de rua
Varinas
Homens descalços
Com caixotes
Às costas
Vendedeiras
Vendedores de bugiarias
Vigaristas
Um verdadeiro reboiço
Para as mãos sensíveis dos carteiristas

Bancas de jornais
Revistas
O material de guerra escondido
Um jornal desportivo
De operários e estivadores

O Engraxa desaparecera
Começou a mostrar o dinheiro que rendeu
O assalto ao Banco da Avenida de Roma
Só engraxava quem queria
Um bufo-carteirista deu à língua
Foi dentro
Nunca mais o vi
Irmãos de profissão
Não mais confiei em ninguém

Nos bares dançava-se
Bebia-se cerveja
E amava-se
Há séculos que marinheiros sedentos
Navegantes de mares cruzados
Longas viagens ao sabor do vento
Vazavam os desejos
Bebiam os sonhos desfeitos

Havia todo o tipo de chulos
Apenas uma meia-dúzia trabalhava
Os outros nada faziam

Tinham as chavalas a render
A partir da tarde encostavam-se
Cigarro no canto da boca
Às paredes do largo
Ou vagueavam de bar em bar
Como marinheiros
Impelidos por bons ventos
No mar

Espreita-me aquela a estibordo
Olha olha Alentejano a bombordo a bombordo
É capital seguro prá reforma
Vê-me a Ana Marada
O Xico da Mouraria levou-a ao tira-picos
Hoje à reforço na mesada

A Esganiçada vem de proa alevantada
Ontem não fez nem um é pra compensar
Ou faz ou o Caga-Milhões cega-a de porrada
Isto está mau não há bronze
O pessoal bota a nota debaixo do sapato
E toca uma gaitada
Sai barato

Ontem à noite houve sova de pau no Texas
Os fuzos com os feijões-verdes
Que estão para embarcar para a Guiné
Esfrangalharam o negócio todo
E o bar ao homem
Eu também estou a berrar
A Marizé pirou-se com um olho negro
Adianta-me uma vintena

Elas davam prazer aos marujos
Alguns de água doce
Os chulos protegiam-nas
E davam-lhes prazer
Tudo tem um preço diziam
Ninguém se vende
Não há nada para vender

Só prestação de serviços
O casamento também é um contrato
E quase nunca é a valer

Prostitutas de todas as idades
Vindas de toda a parte
Novas velhas de meia-idade
Umas limpas outras esquentadas
Nada que uma injeção não curasse
Prostitutas obrigadas
Prostitutas necessitadas
Prostitutas de uma verdade escondida
Prostitutas cansadas
Prostitutas vadias
Calaceiras
Mas confidentes da adversidade alheia
Ouvintes atentas do pagador
Que tantas vezes
Ia apenas em busca de amor
Ou para desabafar mágoas
De casa
Do trabalho
Do filho estropiado
Por uma mina na picada

Prostitutas
Prostitutas sim mas não mercenárias
Prostitutas como já não há

Cais do Sodré de tantas quimeras
Cais do Sodré de alegrias e misérias

Num dos bares
Corpo novo lavado
Chamavam-lhe Cleópatra

Alta

Mais alta do que eu
Tão alta como o Ramon
Esguia
Quadris de sonho
Rosto egípcio
Olhos rasgados
Beleza incomparável
Cabelos negros
Modelados em ondas
Perfeitas e sensuais
Roçando a cintura
E os seios estáticos
A clamar ao anseio
A perpetuar o desejo

Chegara há dias
Não ia assim com qualquer um
Não era eleita
Ela elegia
Às vezes não fazia nenhum

No Cais do Sodré nunca tal se vira

Passava distante pelas mesas
Alguns clientes abordavam-na
Olhava-os de baixo a alto
Uma ou duas palavras
Noutras abordagens
Seguia indiferente
Magnificente e desejada

Na mesa cheia de cervejas
De brejeiros e madraços
Nasce o desafio
Puto
Cervejas por um mês
Faz-te à garina
Só vale se for uma borla
Riram-se
Insistiram na festa

Nunca cheiraste nada assim
Já comeste pior e a pagar
Vá

Olhei em redor
Mais uma cerveja
Depois vou
Juro
Se levar uma latada
Não serei o primeiro

Riram-se adivinhando festival
Eu sorri às cervejas

Olho-a
Ela ignora-me
Volto a olhar
Ou sim ou sopas dizem
Levanto-me
Espera
Deixa a narta na mesa
Ó esperto
Ou queres mamar à conta
Dos otários
Só tenho dez paus respondo
Deixa-os
Poiso-os contrariado na mesa
Os olhos ora no chão ora na cadeira
E se me voltasse a sentar
Não

Ela está ao balcão
Intimidatória
Bela
Sinto um aperto no estômago
Um sobressalto de alma
Um tiro de obus no coração
Deve ter mais dez anos do que eu
Que mulher

Debruça-se na direcção do barman

Por cima do balcão
A roupa cola-se ao corpo
Meu deus
Que formas que lastro
Não conheço o chulo
Ainda me dá cabo do canastro

Aproximo-me
Espero que saia do balcão
Abordo-a a meio da sala obscurecida
Enevoadada pelo fumo
Boa tarde digo
Tarde não noite diz
Isso
Que mal fiz eu a deus penso
A suar do peito

Olha-me demoradamente
Como quem aprecia um objecto
Baixo os olhos
Vem-te sentar miúdo
Respiro fundo de alívio
Ela percebe

Não bebemos nada
Olho-a submisso
Bebemos ou não
Bom aqueles tipos ficaram-me com o dinheiro
Sorriu e o seu sorriso não foi o de uma meretriz
Vejo-a fazer um sinal ao Jóia
O empregado velho

De imediato
Dois copos de cerveja na mesa

Falamos falamos falamos
Ouço-a e a voz é lenta pausada
Dá tranquilidade e paz
Ajeita o vestido tapando os joelhos
Assume o diálogo
Faz-me perguntas e fala dela

Diz que tenho um sorriso triste
Que não sei rir
Lê-me a alma e entende a minha agitação
Tens namorada
Digo que não
Riu numa gargalhada contida
Não devias andar por aqui
Neste antro só há vício não vais aprender nada
Estás a tempo miúdo
Tens dormido com muitas
Encolho os ombros com timidez
Ela sorri benevolente

Esqueço-me dos companheiros na mesa do fundo
Só eu existo e ela

Uma talvez duas horas
Passadas num ápice
Pergunta-me a frio
Vamos
Finjo não entender
Repete
Vamos miúdo
Gaguejo
Não tenho dinheiro
Não me ofendas vem
Não tenho chulo não tenho ninguém
A quem prestar contas
Vou
Corpo direito como fuso
Sem olhar os apostadores atónitos
Coração a bater alvoraçado

A pensão é perto
Vamos a pé
As escadas são negras e sujas
Sigo-a
Dá-me a mão e estremeço
Vai à frente e paga o quarto adiantado
A matrona indica-nos o ninho

Apontando-o com um molhe de couves
Apertado na mão
Estava a fazer sopa
Tira-me as medidas

O quarto é velho
Não parece ter sido convenientemente limpo
Há um bidé
Um lavatório ao fundo da cama
Duas toalhas minúsculas gastas
A cama está coberta por uma colcha coçada desenhada
com flores que foram púrpura e azul-violáceo
Por baixo lençóis amarelados que já devem ter sido
usados milhares de vezes
Uma janela pequena dá alguma claridade
Iluminando as sombras da penumbra
Uma mesinha de cabeceira
Um quadro da Nossa Senhora da Conceição
Na parede onde está uma mesinha com pernas
desengonçadas
O tabique tem um rombo superficial de meio metro
O chão de madeira não está aplainado ou então está
empenado
Tapado parcialmente por dois tapetes que certamente
passaram pela guerra do ultramar tal o seu estado

Ouve-se um rumor no quarto ao lado
Um cliente quer o terceiro prato
Ela
Não sei quem
Grita
Paga anormal
Ou há papel ou não há palhaço

Vejo-a tirar os sapatos
Descobrimo metade das pernas
Arredondadas cor de pinho-mel

Sento-me na cama vestido

Ela aproxima-se
Envolve-me com os seus braços longos
Acaricia-me a face os cabelos e beija-me no pescoço junto
ao peito
Não estou à vontade
O odor libertado pelo quarto mofento
Mistura-se com os nossos perfumes

Sinto à flor da pele
Um vento suave e doce
Um calafrio como se a morte passasse ao lado
Incógnita e indiferente

Vou alcançando lentamente
Segurança
Alguma serenidade

No amparo das suas carícias
Enlaço-a e beijo-a na boca rosada
As minhas mãos percorrem com suavidade o seu corpo
escultural adivinhando uma nudez esplêndida
Nada me lembra ou faz pensar nos dias de amor que por
ela desfilaram

Somos apenas nós
Dois que de momento a momento se transformam num

As mãos já me não tremem
Os dedos deslizam no veludo dócil da pele
Paulatinamente como quem embala uma criança
Dispo-a descobrindo-se um corpo alucinante
Os meus lábios percorrem o seu ventre os seios os
ombros de marfim cinzelado
As minhas mãos sobem dos joelhos em movimento
circular e detêm-se na flor do seu sexo
Talhado por escultor grego

Os corpos unem-se num místico amplexo
Há um leve gemido que se contorce de prazer
Um grito abafado pela almofada bordada de modo
imperfeito talvez grosseiro

A matrona bate à porta
Avisa
Vê se te despachas o tempo acabou

Ela levanta-se
Porta entreaberta
Estende-lhe uma nota
Fecha-a definitivamente

Corre para o leito
O quarto transforma-se
Não tem o odor do sexo
Do suor das tardes
E noites mal-amadas
É movimento
É fulgor
É êxtase

No ar
Pairam orgasmos sucessivos
Que bailam no luar da janela
Há gritos
Bramidos
Ruídos surdos
Um só corpo a amar
Um só corpo a bailar
Há odores de flores silvestres
Margaridas
Camomilas
Narcisos
O quarto decorado
A rosmaninho
Salva e alecrim
Há arrebatamento
Há o fim do pensamento
Há um deus que nos incita
A amar
Ao amor
Há uma ânsia de continuar
De amar sem findar

Há a eternidade da inocência
Eternidade que não quer terminar
Um amor com o vento Norte a pairar
Um amor forte e violento como a morte

Olhamo-nos
Suados de cheiro celestial
Mente vazia
De quem nasceu para a Vida
Em horas de místico prazer

Despedimo-nos
Uma lágrima escoo de seus olhos negros
Nasceste para isto puto
Nasceste para isto
Sussurra
Suave doce
Amaviosa
Enquanto me acaricia os cabelos em desalinho

Miúdo
Diz

Hoje perdi a virgindade
Sou tua

Sustenho a respiração
Fecho os olhos
Vendo o que não voltarei a ver
Amando ainda por segundos o que jamais voltarei a amar
Quebro o silêncio a tristeza a saudade
E sentindo no peito o dia a clarear digo

Hoje sei o que é Amar
Sou teu

Nunca mais a vi
Nunca quis receber o prémio da aposta

SER O QUE SOU

Sozinho ao sol

Os raios quentes penetram-me a carne
E eu não penso nada

Uma brisa percorre
Lentamente o meu corpo
E eu sei sem saber porquê
Sei que a minha alma me basta
Sem que possua ou seja possuído
Sem dono
Sem escravo
Sem nada

Sei que me basta ser natural

Ser o que sou
O animal humano que Deus gerou

Ser
Apenas

Ser

Como a árvore frondosa
Que no silêncio da tarde
Deixa que lhe tirem os frutos
E abençoa com a sua sombra
Todos os que a procuram
Como a luz da candeia que ilumina

A igreja e o presídio o padre e a prostituta
O santo e o ladrão
Ou a chuva que alimenta e faz crescer
O pão e as ervas daninhas

Quem me dera que os meus dias
Fossem passados com a paz de uma flor ou
Das paredes brancas da casa grande da colina
A afagarem o Sol e a Lua
Sendo o que sou por sê-lo
Tal como a flor exala o seu perfume
Sem saber qual o seu odor
E a parede a sua alvura sem saber a sua cor

E assim
Ser o que sou
Apenas
Ser

SEM PRINCÍPIO NEM FIM

No princípio

Se é que houve princípio apesar dos homens a tudo
darem primórdios

Já que sem início a nada dão existência e

Apesar da essência do Ser ser o Não-Ser e o Não-Ser
nunca nascer

Mas nunca houve princípio quer se queira quer se não
queira

Quer se façam ou não birras-filosóficas-infantis ou

As equações os resultados falseiem ou

A carroça-vã da teologia insista no mesmo trilho-sem-
verdade

Quer se inventem os deuses que a imaginação e medo
alcancem

Nunca houve princípio

Tudo fluía nesse início que não foi princípio

Como agora flui

Como para sempre fluirá

Manifestando-se em formas múltiplas

Impermanentes

Ocasionais

Sujeitas a leis errantes

Encobertas

Locais

Não há leis gerais

E o Ser

O Ser vive em si
No infinito
Na eternidade da chama
Viva do Amor

Não habita em quem o vive
Nem no que vive

Não está e não é
É e está
Como taça vazia
Que se enche de nada
Fonte de água da levada
De mil e uma nascentes
Que irrompem na rocha
Tal braço de mar
Que tudo arrasa

Indeterminado
Inominado
Sem fim ou começo
Alto ou baixo
Ou lado
Sem espaço
Não pode ser buscado

Não existe para si
Para mim
Para ti
Existe por si
Na invisível eternidade

Existência que é essência
Essência com existência

O eterno sem centro é perfeito
Como o rio que corre no seu leito
E com humildade se faz oceano

Não se esgota

Não é tudo
Nem nada
É o vazio íntegro da totalidade

O que não tem fim
Nada sustenta
Não é sustentado
Não é teu ou meu
De qualquer marca de gente
Local ou universal
E quando por mim passa
Estou certo
Não há eu
Apenas o vácuo da mente

O tempo dos tempos é percorrido
Em mutações sucessivas
Inesperadas
No seio do que sem começo nem fim
Muda e flui
Na sua majestosa permanência
E enganadora aparência

Muitos milhões são as galáxias
Incontáveis os profundos universos
Fabricando-se e desfazendo-se
Por amor da união
Da desintegração
No tempo eterno
Espaço infinito
Do que permanece
Na dança cósmica dos mundos

Não houve princípio
Não haverá fim

Inventaste o princípio e os deuses
Atormentado por medos
E pelo sentimento do vazio entediado
Gerado pelo cárcere do tempo
E pelo esquife do espaço imenso

Não houve princípio
Não haverá fim

Há um campo de concentração
Onde abunda a fome de espírito
Os reclusos alimentam-se de fantasmas
Enquanto o cérebro esquelético
Se degrada e definha
Há gente de esperança e desespero
Todos ludibriados por espectros visíveis
Almas de outro reino inventado

Pergunto-me para onde vou
Para onde irei
Quem sou

Sou o que não tem interpretação e que perante o mundo
É apenas o insignificante sem rumo
O caminhante do nada
O que morrerá numa qualquer estrada
Anónimo

Não ouse desejar
Até o desejo do Ser é ilegítimo
Nenhum desejo é permitido
Apenas o do ancoradouro inseguro

Não desejar
Desejar a ausência do desejo já é desejar
O desejo é insaciável a ambição desmedida
A paixão dilacerante e o apego mata
Só existe alívio para quem a si se basta

Não saio de casa
Do meu pequeno e dócil quarto
Vejo tudo o que se pode ver
Conheço tudo o que se pode conhecer

Viajo sem me movimentar

Conheço sem ler
Amo sem te ter
Ajo na tranquilidade e por todo o lado
Sopra o vento da felicidade

Sou abastado por nada possuir
Sou forte por sem esforço me vencer
Poderoso sem me mexer

Poderei eu perder o que não tenho nem intento ter

O que faz muitas coisas e guarda o seu fruto
Não o conservará
Tudo perderá

Quem age sem intenção frutifica naturalmente

Quem busca perde-se no além da floresta virgem
E nada retém ou encontra

Encontrar significa libertar

Quem quiser guardar a reputação perdê-la-á
Quem quiser amontoar riqueza arruinar-se-á
Quem quiser aferrolhar paixões corromper-se-á
Quem quiser escudar-se do perigo perecerá

Morto ficarei onde estou
Estarei onde não estava
Verei o que não vi
Sentirei o que não senti
Serei o que não sou
E irei onde não vou

Séculos e séculos a investigar a morte
Que dilacera corações e agrilhoa espíritos

Sabeis o que é a morte
Sabeis o que é morrer

Se falecerdes para o passado a cada minuto

A todo o instante sabereis o que é o decesso
O que é fenecer

Extinto o ego resta a Mente vazia
Na paz dos tempos infindáveis
O que não tem princípio nem fim

Afinal o que por tanto procurardes
Nunca encontrásteis nem encontrareis
Ocupados como estais com velhos trastes
Que o Barqueiro não vos deixará transportar
Para a outra Margem

JOSÉ MARIA ALVES

www.homeoesp.org

www.josemariaalves.blogspot.com

Julho de 2010